



O MOVIMENTO PELO RECONHECIMENTO INDÍGENA EM UMA COMUNIDADE NA MARGEM DO RIO JAVARI EM ATALAIA DO NORTE NO AMAZONAS

THE MOVEMENT FOR INDIGENOUS RECOGNITION IN A COMMUNITY ON THE BANK OF THE JAVARI RIVER IN ATALAIA DO NORTE IN THE AMAZONAS

Mateus da Siva Teixeira - IFAM – Tabatinga – Amazonas - Brasil

Mateus.mdst97@gmail.com

Reginaldo Conceição da Silva - UEAM – Tabatinga – Amazonas - Brasil

Reginho.obi@hotmail.com

Ana Carolina da Silva Teixeira - UFAM – Tabatinga – Amazonas - Brasil

Anacarolinadasilvateixeira637@gmail.com

Hillary Tenazor Rodrigues Nobre - SEMED – Benjamin Constant – Amazonas - Brasil

Hillarynobre@hotmail.com

RESUMO

As bandeiras reivindicatórias erguidas por populações indígenas binacionais kokamas, localizados geograficamente no município de Atalaia do Norte no Amazonas em fronteira internacional com o Peru. Esta comunidade indígena vive na margem da calha do Rio Javari em uma zona conturbada de brutalidade que distinguem a divisão territorial desta fronteira. A partir da pesquisa exploratória e aplicações de técnicas mistas no campo, como, pesquisa ativa, entrevista aberta, observação e descrição das atividades foram fundamentais para o levantamento de informações do estudo. Para tanto, este trabalho teve como alvo principal objetivo apontar seus principais desdobramentos reivindicatórios e os seus movimentos sociais em prol do reconhecimento identitário, perante a negação das instituições locais.

Palavras-chave: Reconhecimento; Atalaia do Norte; Kokamas; Agricultura.

ABSTRACT

The flags of demand raised by binational kokama indigenous populations, geographically located in the municipality of Atalaia do Norte in Amazonas on the international border with Peru. This indigenous community lives on the banks of the Javari River in a troubled area of brutality that distinguishes the territorial division of this border. Based on exploratory research and applications of mixed techniques in the field, such as active research, open interviews, observation and description of activities, they were fundamental for gathering information for the study. To this end, this work's main objective was to point out its main developments in demands and its social movements in favor of identity recognition, in the face of the denial of local institutions.

Keywords: Recognition; Atalaia do Norte; Kokamas; Agriculture:

INTRODUÇÃO

A origem da comunidade de São Pedro do Norte remonta a 9 de setembro de 1993, quando caravanas peruanas se estabeleceram nas margens dos rios amazônicos em regiões brasileiras. A ocupação do território naquela época foi autorizada pelo então prefeito de Atalaia do Norte. Com as caravanas peruanas, chegaram também os indígenas kokamas, que já habitavam as áreas brasileiras e de fronteira. A territorialização desses grupos binacionais ocorreu por meio do andarilho ¹José Francisco da Cruz missionário e líder religioso, responsável por expandir e evangelizar cidades, aldeias e comunidades pelos rios amazônicos.

Os ensinamentos transmitidos pelo missionário foram cruciais em meio às crescentes migrações de populações para cidades e vilas brasileiras, resultando em novos seguidores em diferentes regiões geográficas. Além disso, as características atuais das comunidades que receberam a influência do missionário são distintamente marcadas pela presença da cruz de madeira, símbolo pelo qual os fiéis são identificados como membros da religião denominada cruzadas.

Assim, a comunidade kokama conhecida como São Pedro do Norte está localizada no sudoeste do território do Estado do Amazonas, na cidade de Atalaia do Norte, abrangendo uma área de 6.539.950,44 km (IBGE, 2010) na fronteira amazônica. Conforme demonstrado no mapa a seguir:

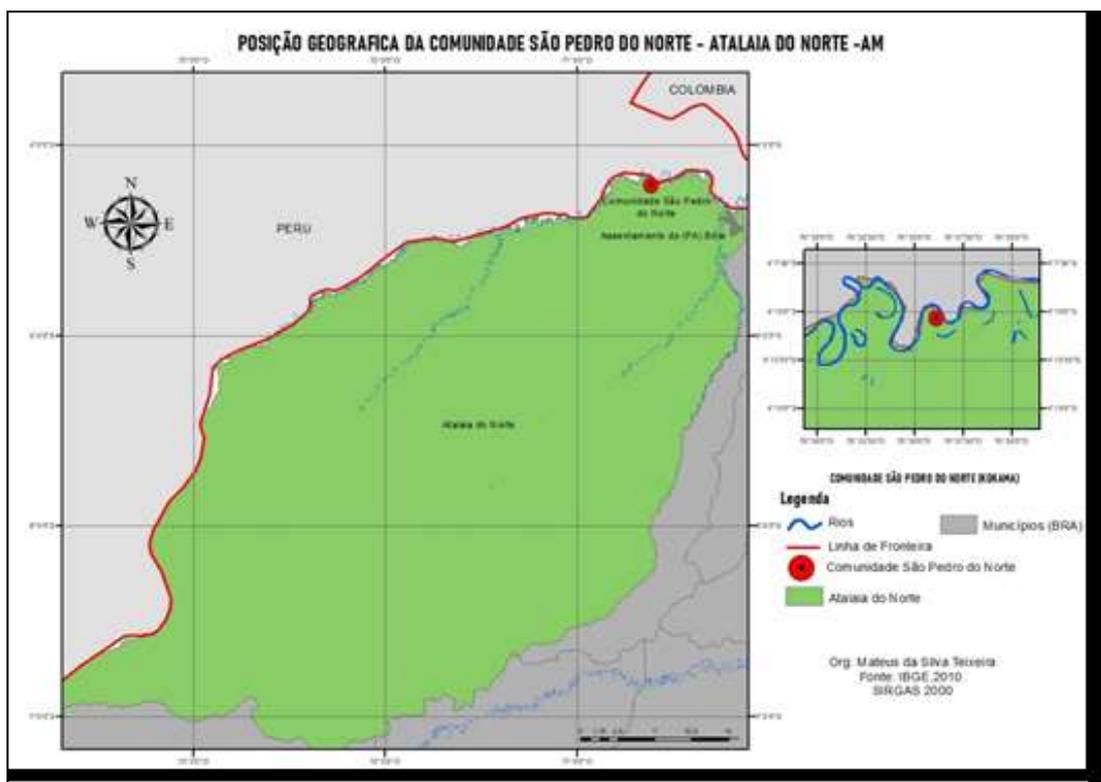
É importante ressaltar que o município de Atalaia do Norte chama atenção pela sua dimensão territorial, tendo em vista que se trata de ser o quarto maior município do Amazonas e o sétimo do Brasil. Todavia, o deslocamento da área urbana para a comunidade de São Pedro do Norte pelo rio seu principal meio locomoção, as viagens duram entorno de 1 hora em pequenas embarcações construídas de madeira com rabetas em rotação de 5,5 hp a gasolina. Além do mais, a quantidade de famílias

¹ Segundo o Núcleo de Cultura Política do Amazonas (NPCPAM, 2011)

A fé em Irmão José da Cruz faz com que ao longo do Rio Juruá se multiplique suas mensagens, contribuindo para um fortalecimento ainda maior das suas ideias, que se povoaram as fronteiras brasileiras na Amazônia, criando um catecismo moral capaz de sustentar um modo de viver próprio no interior da floresta. No Alto Solimões, no Amazonas, no tríplice fronteiro, a comunidade da cruz é tão forte também que mesmo com desaparecimento do seu fundador, os seus seguidores cumprem regimento seus ensinamentos vestindo-se com longas vestes, no caso das mulheres, e com camisas brancas de mangas compridas, no caso dos homens, seguidos do crucifixo no peito para ambos os sexos.

estabelecidas no espaço, são aproximadamente 25 grupos familiares, e estas populações estão ligadas ao campo, na qual se empenham tanto na agricultura como na produção animal.

Figura 1 – Localização Geográfica da Comunidade Kokama São Pedro do Norte no Município de Atalaia do Norte - AM



Fonte: IBGE, 2022. Organizado por: TEIXEIRA, 2022.

Em virtude do que foi mencionado, o objetivo geral da pesquisa é apontar os principais desdobramentos reivindicatórios e seus movimentos sociais em prol do reconhecimento identitário perante a negação das instituições locais. Desta forma as informações levantadas in loco no período de 2021 à 2022 apresentam as dificuldades vivenciadas pelos kokamas e suas principais pautas reivindicatórias em busca de melhorias para comunidade. Segundo o representante geral do movimento kokama reforça a respeito da fundação do lugar e cita que;

A comunidade São Pedro do Norte já foi fundada em 1993, quando um bocado de Kokamas que vieram também da parte do Peru, mais entraram com a permissão do ex-prefeito Marcos Monteiro, mais já existia a comunidade de Nova Aldeia, que também existia, existe até agora o povo

Kokama. Temos a comunidade de Palmari, que também é muito antigo, que também existe povo Kokama e várias comunidades.

Nesse sentido, o relato do líder da comunidade kokama ressalta a fundação de São Pedro Norte. Em seguida, ele menciona a longa presença de seu povo na região do Alto Solimões ao longo dos anos. De acordo com Almeida e Rubim (2018, p. 01), existem diversos registros que comprovam a presença dos kokamas no rio Solimões e no Marañon desde o século XVII, entre 1639 e 1691. No entanto, o líder kokama argumenta que ao longo do tempo, as populações indígenas kokamas foram perdendo sua importância nos territórios amazônicos. Seguindo essa linha de raciocínio, conforme apontado por Almeida e Rubim (2018, p. 02), eles afirmam que:

Este processo de deslocamento do povo Kokama tem sido sempre explicado como atrelado a conflitos na busca de terras para plantio e de águas para o exercício da pesca. São inúmeros os dados etnográficos concernentes aos Kokama, nas descrições de missionários, viajantes, cronistas, naturalistas, historiadores e administradores coloniais, que apontam estes sucessivos deslocamentos geográficos.

Entretando, a territorialização dessas populações pela busca de novos territórios foram motivadas por inúmeros motivos apontados na citação anterior. A transição territorial entre espaços e lugares durante os séculos estão diretamente ligados a subsistência das populações indígenas. Sendo assim, buscamos dados com finalidade em demonstrar existência e resistência dos kokamas nessa região. Segundo as informações da pesquisa de Vieira (2021, p.02 e 03) na qual aponta dados populacionais de kokamas na Amazonia Brasileira/Peruana e Colombiana.

No Brasil constam 14.314 indígena Kokama (Siasi/Sesai, 2014), esses dados só os indígenas residentes em aldeias; 11.274 (IBGE, 2020). Mas na contagem da TWRK os Kokama somam mais 25.000 indígenas que se identificam no Brasil. Na Colômbia constam 236 indígenas Kokama (CONIC, 1988); 792 Kokama em 2003 (UNESCO, 2004). A TWRK no ano de 2020 contabilizou 5.200 indígenas Kokama residentes em território colombiano. 3 No Peru constam 11.370 (INEI, 2007), sem contar os residentes em áreas urbanas no Peru. A TWRK informa que são mais de 38.000 indígenas Kokama residentes na Amazônia peruana. (Nova Cartografia Social Da Amazônia, 2020).

Com base nos dados fornecidos por órgãos de saúde, instituto nacional de estatística e informação, organizações não governamentais e projetos de pesquisa sem fins lucrativos, foi confirmada a presença do povo indígena kokama na região amazônica. A representatividade desse grupo teve início em 2004, com a apresentação

de documentos e solicitações enviadas às autoridades locais, buscando o reconhecimento da identidade da comunidade situada às margens do rio Javari, visando evitar que fossem desconsiderados e identificados de outra maneira que não como indígenas.

AS REDES DE RELAÇÕES ALÉM DA FRONTEIRA BRASILEIRA AMAZÔNICA.

Na Constituição Federal de 1988², as populações indígenas passaram a ser reconhecidos nos territórios soberanos brasileiros, e com isso, passaram a ter autonomia pelo estado, por meio de legislações específicas e direitos de demarcações de espaços e territórios ocupados tradicionalmente, entre outras pautas importantes em referência ao reconhecimento Étnico. As iniciativas desenvolvidas pelo povo Kokama em Atalaia do Norte estão sendo revistas, com o objetivo de respeitar a autonomia da comunidade e sua rica diversidade cultural, visando assim garantir o bem-estar social de seus integrantes. Diante da complexidade da situação, o líder do movimento Kokama na comunidade destacou:

Durante esses anos desde 2004 já viemos encaminhando documentações, ofícios solicitando, ofícios pedindo esse reconhecimento das comunidades, reconhecimento do povo Kokama, os direitos sobre a terra e passou uns 5 anos sem receber resultado. E quando nós conhecemos tivemos essa oportunidade de nos encontrar com o professor, o antropólogo da UFAM e, aí foi um avanço grande porque ele já começou também a fazer os trabalhos dele tanto aqui na comunidade São Pedro, em aldeia Palmari, Atalaia do Norte. Começou a avançar um pouco mais as documentações, tivemos os resultados, mais aí também deu uma parada por causa de que os coordenadores da FUNAI que entraram, tanto o Jean, chamado "Tota", também prejudicou muito, não encaminhava as documentações, que eu cheguei a saber por segundos, entrou o Bruno, que também prejudicou muito o nosso movimento, juntamente com esse tal Beto Marubo, que era funcionário da FUNAI e até agora que eles ficam (vamos dizer assim) denunciando, perseguindo e acusando que a gente é invasor de terras demarcadas, interessados nos benefícios e enfim.

As informações confirmam a realidade do contexto social vivenciado pela comunidade Kokama, conforme descrito na entrevista do líder, ao destacar a dificuldade de obtenção de documentação e a menção de serem referidos como invasores de outros países. E nesta situação, a comunidade Kokama não consegue obter sucesso em

² A constituição brasileira, respaldada pela (OIT) convenção n°169 da organização do trabalho.

seus movimentos sociais voltados para o reconhecimento étnico, uma razão para isso é a baixa consideração das instituições locais. Tendo em conta o direito ao reconhecimento da identidade, Silva³ (2012, p.53) cita uma passagem sobre as identidades nacionais;

As identidades nacionais são específicas e estão localizadas em algum ponto do tempo através de antecedentes históricos. Os povos tentam reafirmar as suas identidades que foram de alguma forma, perdidas, podendo estar produzindo outras identidades. Assim, a redescoberta do passado faz parte do processo de construção da identidade de certo grupo social.

Conforme Haesbaert (2006, p. 138), a vida é marcada por um contínuo processo de deslocamento e reorganização territorial. Isso significa que estamos em constante mudança de um lugar para outro, deixando para trás velhos territórios e criando novos. Essa ideia se relaciona intimamente com as particularidades da transição do povo kokama⁴, pois sua forma de se estabelecer em territórios cria uma nova configuração geográfica e territorial.

Como resultado, o desenvolvimento de redes com outros povos Kokamas da fronteira deve ser mencionado. Dessa forma, os Kokamas demonstraram seu valor nas lutas sociais pelo reconhecimento étnico indígena através de encontros, este ato de movimento kokama tem sido organizado com grupos do Alto e Médio Solimões e outros grupos kokama em Manaus (capital da região) com o objetivo de restabelecer redes de conhecimento e comunicação. Segundo intercultor expressa a respeito do movimento kokama em períodos pandêmicos:

Agora em esse tempo da pandemia a gente se afastou um pouco por alguns problemas internos, mais a gente tem essa relação bacana com todos, tanto com os Kokamas do Alto Solimões, Médio Solimões, Manaus e até os povo Kokama daqui do Peru, que é do outro lado e, os povo Kokama da Colômbia também.

Os Kokama da aldeia de São Pedro do Norte seguem normas familiares e religiosas. Assim, a conexão com os Kokamas do Peru e da Colômbia ultrapassa os limites geográficos. As reuniões organizadas pelos indígenas Kokamas têm como

³ Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas, Márcia Vieira da Silva, titulado Reterritorialização e identidade do povo Amáguá- Kambeba na aldeia Tururucari- Uka.

⁴ Transição das caravanas kokamas, não significa que os territórios ocupados por essas comunidades foram destruídos, e sim a busca por terras para produção da vida familiar.

objetivo principal a partilha pacífica de conhecimentos tradicionais entre os sexos, reforçando a cultura e a forma de comunicação dos Kokamas.

Figura 2 – Encontro entre kokamas da “Colômbia, Peru, Brasil” em Manaus – AM



Fonte: Panduro, 2022

Os Movimentos dos kokamas, vão além de fortalecer aspectos atuais e conflitantes, mais seus antecedentes históricos de linguagem “Tupi-Guarani”, criação de artesanatos culturais, transmitindo o conhecimento tradicional para futuras gerações. Estas ações anuais, com a participação de moradores da comunidade indígena São Pedro do Norte revelam a preocupação desse povoado com existência do povo kokama.

Para os indígenas Kokamas, a identificação é essencial para necessidades básicas como iluminação pública, sistema educacional e professores, transporte fluvial e até cuidados básicos de saúde. À exceção do não registro como indígenas expõem repercussão na existência dessas populações, eles afirmam que muitos não chegaram para serem acolhidos nas unidades de saúde.

Segundo uma intercultora ressalta que:

Pra nós conseguir a escola daqui do São Pedro foi uma luta, inclusive com o ex-prefeito, foi uma luta muito dura, que nós tínhamos que entrar pro ministério público, pra justiça, pra que essa escola fosse

construída, porque nós temos muitos alunos aqui, que hoje em dia quase a metade estudam na área urbana de Atalaia e aqui em São Pedro. Igualmente também foi Nova Aldeia que até agora com este atual prefeito tivemos uma reunião, aonde que nós supliquemos que essa escola ainda não foi inaugurada mais já o prefeito estava querendo desligar, mais pedimos a Nova Aldeia, que ainda não pisemos lá e enfim. Mais tanta suplicas o prefeito já liberou pra que essa escola funcionasse, mais foi uma luta também por meio do ministério público pra que essa escola seja construída.

Conforme reza o artigo 205⁵ da Constituição, “Educação direito de todos e dever do Estado e da família”, ou seja, a comunidade de São Pedro está localizada no município de Atalaia do Norte e é responsável pela oferta de educação básica, inclusive pré-escola, ensino fundamental. Eles afirmam que, para receber um distrito escolar, foi feito um pedido ao Ministério Público Federal, a qual isso resultou em um ponto positivo para o movimento Kokama.

Figura 3 – Escola Municipal da Comunidade de São Pedro do Norte em Atalaia do Norte - AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

A iluminação pública, tornou-se através do antigo projeto do governo federal do Decreto nº 7.520, de 08 de julho de 2011 denominado “Programa Luz Para Todos” que contemplou a comunidade de São Pedro, aproximadamente há 11 anos. Pequenos

⁵ Constituição Federal de 1988 – MEC.

ganhos foram obtidos nas lutas sociais do Povo Kokama como resultado de sua tenacidade do seu povo.

Figura 4 – Poste de Alta tensões “Projeto Luz para todos” Comunidade São Pedro do Norte – AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

As ações coletivas lideradas pelas lideranças indígenas de São Pedro do Norte implicam para elas um direito sociopolítico à democracia e ao auto-reconhecimento como indígenas kokama. Em pouco tempo, eles estão ganhando espaço social por meio de ganhos ligados, educação básica, fornecimento de energia elétrica, para suprir as algumas necessidades de seus familiares.

Segundo, Cacique local diz:

Por aqui por Javari provavelmente a gente luta pra esse reconhecimento, porque hoje em dia, até agora somos barrados tanto pela FUNAI, SESAI nem pensar, porque até agora nenhum resultado e sempre eles falam – não, tem que ter um estudo antropológico e, a FUNAI igualmente, tem que ter um estudo antropológico ou vem uma ordem lá de Brasília pra poder atender, então, de partir desse estudo antropológico vocês vão ter direito a ser reconhecido como indígena Kokama e, aí nós continuamos nessa luta. Porque, como, eu sempre digo a gente pode ir até pra Europa, onde for, mais a gente continua sendo Kokama. Então, o povo sofre muito nessa parte do reconhecimento como Kokama, não temos direitos assim como os outros indígenas têm. Isso é a nossa grande luta, nosso grande sofrimento, porque a gente sofre muito os preconceitos, a discriminação. Até na gestão do ex-prefeito nós tivemos conflitos parte da saúde, parte da educação, entremos

na justiça contra a secretária, e hoje em dia estamos vendo também como trabalhar mais enfim, estamos vendo como vai ser, ainda tá se portando a secretaria e o atual prefeito, mais não estamos conseguindo também, mais vamos ver daqui pra frente como que a gente vai se entender pra bem da comunidade Kokama, porque a gente precisa esse apoio, esse reconhecimento tanto prefeitura, FUNAI, SESAI que é as partes mais importantes parte da saúde. Porque em esse tempo da pandemia nós tivemos 6 perdas com a Covid, 3 pajés muito importantes nós perdemos, que era seu Manelito Macário, seu Chuquival e seu Escavier Noriega, 3 pajés que lutaram muito pelo povo e quando chegou a hora deles também, a gente não pude fazer nada, porque é uma cruel doença que a gente ficávamos sem poder, sem saber o que fazer, mais mesmo assim conseguimos preparar os remédios, cuidar do nosso povo.

O foco do movimento é especificamente reconhecer a identidade étnica e cultural de seu povo. Essa técnica de identificação é realizada por rigorosos estudos antropológicos da (Funai). Os líderes Kokama reiteram seu pedido coletivo de instituições que possam gerar a coleta de informações necessárias em nome de seu povo, independentemente da localização. Essas comunidades kokamas têm enfrentado inúmeros conflitos ao longo de muitos séculos, resistindo primeiro à perda de sua pátria e à evangelização de suas populações indígenas. Além disso, devido à usurpação secular de seus territórios e dizimação de sua população, seus conhecimentos tradicionais se deterioraram.

O direito à autoidentificação é a ação definidora desses povos diante da denúncia, pois o conflito gira em torno de melhorias e políticas públicas para o povo Kokama. Afirmamos que as redes de relações transfronteiriças se transformam em um movimento que influencia positivamente porque dissemina o conhecimento convencional entre uma população transnacional.

O CONHECIMENTO DE MULHERES E HOMENS KOKAMAS NO CAMPO.

As relações de espaço dos indígenas da comunidade São Pedro, Kokama, foram historicamente marcadas por contribuições à terra destinadas à reprodução de animais e plantas que garantem a sobrevivência de suas famílias. A organização do espaço familiar é voltada para apoiar as atividades realizadas, como cuidados com animais, manejo do solo e outras tarefas. Os indivíduos são divididos em dois grupos conforme suas funções específicas: as mulheres ficam responsáveis pelo cuidado da residência e

das crianças, já os homens cuidam do plantio, colheita, alimentação dos animais e prática da pesca.

Figura 5 – País e filhos indígenas no campo para atividades de limpeza do terreno na Comunidade São Pedro do Norte - AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

A ilustração acima ilustra como cuidar do solo durante a colheita para promover o crescimento das plantas e proteger contra artefatos de uso único, como, por exemplo, percepções de predadores. Como acordam todas as manhãs às 5h para se preparar para a missa Sacramental do evangélico de Jesus, as famílias Kokamas da comunidade de São Pedro do Norte. A duração da missa dura uma hora, logo após, familiares encaminham seus filhos maiores que cursam a modalidade de ensino fundamental escolar para sede urbana do município de Atalaia do Norte em canoas de madeiras com o motor “rabudo⁶” motoristas contratados através da prefeitura, haja visto, que a comunidade kokama tem apenas o sistema educacional pré-escolar e fundamental I. A respeito do deslocamento de estudantes para área urbana o cacique local argumenta que:

Pra mim seria que melhorasse um pouco sobre a educação, porque tem muita dificuldade lá na cidade. Exemplos, as vezes muita chuva e as vez não tem

⁶ Faz referência ao motor de centro.

barco, não tem essa gasolina pra se movimentar maiormente, é por isso que seria melhor, melhorar um pouco a nossa educação aqui, ter alguma escola própria da comunidade, que os alunos possam estudar mais alguma série aqui, de sexto, sétimo ano, oitavo ano e enfim. Pra não correr esse risco talvez de ir na cidade, pode haver algum acidente de carro, porque falta isso, né.

Esta é uma das questões levantadas pelo Movimento Indígena Kokama em relação à falta de modalidades de ensino na comunidade. Como resultado, muitos jovens indígenas partem para a casa de seus pais na cidade para concluir o ensino médio em escolas estaduais e municipais. Voltando ao tema das relações espaciais na agricultura kokama, esse povo produziu uma grande variedade de espécies vegetais, conforme descrito pelo intelectualor (b) morador e afirmou:

Então, nós, eu, trabalhamos com a mulher na roça, plantamos mandioca, macaxeira mansa, banana, verduras que são o pimentão, maxixe, tomate, pepino e as vez tem a boga-boga, né. A gente planta pra nosso sustento da família, para ajudar o bolsa família, porque o meu bolsa família é muito baixo, dá duzentos reais com noventa, então não dá para comprar as vez o rancho, que agora está caro. A gente está plantando nossas verdurinhas aí pra ajuda, porque esses anos eu não fiz roça pra plantar a mandioca por motivo do conflito da terra. Levo, dia de sábado meus filhos quando não tem aula eu levo lá pra minha lá debaixo, pra mim capinar, colher minhas bananas. Eu ensino eles a plantar, a cultivar, porque criança desde pequeno tem que aprender, porque assim meu pai me ensinou a trabalhar desde pequeno, porque quando ele é grande ele vai ter medo, porque nunca a gente levou as crianças desde pequeno a roça trabalhar.

No entanto, a principal fonte de rendimento da comunidade Kokama é a agricultura, nomeadamente o cultivo de alimentos de espécies vegetais e leguminosas com taxas de crescimento elevadas e rápidas, como o maxixe, tomate, pepino, feijoa de praia, abobrinha, chuchu, couve e repolho. Fora do comum, a comunidade produz mandioca, macaxeira e banana, que levam dez meses para crescer.

A venda de produtos indígenas Kokamas tornou-se fundamental para a aquisição de bens industriais que não podem produzir, como açúcar, café, leite, arroz, óleo, sal e macarrão, entre outros alimentos, além de uma variedade de outros bens e ferramentas, como roupas, gasolina, botas, facas, terçados, enxadas, remédios e sementes para plantio, entre outros mercados significativos. Além disso, a comunidade Kokama carece de um local físico para a venda de seus produtos no mercado municipal, portanto, eles vendem seus produtos a comerciantes a preços frequentemente mais

baixos do que os encontrados no mercado. Dessa maneira, interlecultor(a) morador Kokama cita a respeito do espaço para os kokamas no mercado:

O mercado agora não tá adequado, tem muitas pessoas já que tomaram nosso lugar na frente. Antigamente quando era Nonato prefeito, aí tinha uma banca dos produtores rurais, ninguém, os marreteiros não podiam ocupar aquela banca, agora que tão em outro mandato, a gente não tem uma banca, uma mesa pra vender lá em Atalaia. Então, eles tomaram o nosso lugar, a gente quando chega lá na frente a gente vende aí na rua mesmo, as vezes as mulheres pegam a bacia e saem pela rua pra vender.

Outro fator, mencionado por eles, e a ausência de assistências técnicas do Instituto de desenvolvimento agropecuário e florestal sustentável do Estado do Amazona (Idam) local, segundo morador interlecultor (b) cita que: *“Questão de agricultura do IDAM, eles só apoiam aqueles que tem principalmente o documento, por exemplo, eu não posso”*. A importância do reconhecimento étnico do povo kokama, de modo, que a populações indígenas kokamas estão à mercê de políticas públicas para muitas assistências sociais e créditos rurais.

Figura 6– Torrefação da Farinha, com ajudas de familiares em Comunidade São Pedro do Norte – AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

A produção de farinha do povoado indígena da comunidade de São Pedro é uma das principais rendas dos kokamas, devido aos períodos de escassez do produto derivado da macaxeira na área urbana da cidade a comercialização dos paneiros de farinha permanência com o valor bem robusto.

Uma das etapas finais do preparo da matéria-prima conhecida como macaxeira ou mandioca é a torrefação da farinha. Este processo deve ser concluído e executado por um familiar que o possa fazer à temperatura adequada para que a fôrnalha receba pequenas quantidades de madeira. Para que, não ocorra queimação da farinha em granulatura adequada, deve-se ser revirado em modo dinâmico a matéria em rotatividade com um remo rústico, a qual, a duração do processo dura em torno de 1 hora. Como descrito pela interlocutora (c) moradora a respeito que: *A farinha rende mais, a farinha, aí vai misturado as vezes, a farinha, a verdura, as vezes leva um pouquinho a macaxeira para ajudar, mais a farinha, e a banana também.* Como resultado, a farinha é um alimento básico para as populações Kokama, que a vendem em paneiros e normalmente a combinam com peixes e outras carnes para alimentar seus filhos e famílias extensas.

CONFLITOS EM SÃO PEDRO DO NORTE: USO DA CARTOGRAFIA SOCIAL PARA IDENTIFICAÇÃO

A discussão deste tópico vai além dos relatos das populações indígenas Kokama, usando uma ferramenta de mapeamento social para descrever os limites territoriais. Logo, que Acsehrad (2012: p. 05) diz que: “quando as comunidades pensam em fazer sua própria cartografia, elas não estão pretendendo simplesmente retratar o espaço físico, mas afirmar seus modos de vida”. Diante disso, os Kokamas confirmaram a existência de conflitos com moradores não indígenas em comunidades rurais próximas. A terra é valiosa para o povo Kokama em termos de suas relações espaciais, bem como em termos de função e produção, por exemplo, em termos de agricultura, pecuária e construção de suas casas, entre outras coisas.

A localização territorial da comunidade de São Pedro é uma antiga trindade seringal, e também possui um proprietário. Isso significa que a população Kokama local não entende que a área já teve um registro e que as famílias Kokama foram formadas sob a permissão do ex-prefeito na década de 1970. Além disso, como a demarcação da referida comunidade ainda está em investigação, nosso artigo se basear em demonstrar o avançar no que diz respeito aos seus movimentos de mobilização em relação aos conflitos vivenciados por esses povos. Os conflitos no campo levam o cacique local a reiterar que:

Sobre o conflito que tá tendo aqui na comunidade é sobre, maiormente é a parte do terreno, porque tem pessoas que dizem que são donos, até impedindo os moradores da comunidade de trabalhar, até impedindo pra não fazer mais roças. Então, se a gente não plantar, se a gente não fazer mais roça, então, a gente não tem o que comer no dia de amanhã, porque isso é um meio de nossa sobrevivência aqui nesta comunidade. E assim, por exemplo, já temos um conflito que já aconteceu sobre tiros nos moradores da comunidade, então, e isso é uma parte do nosso conflito que estamos tendo aqui sobre terreno. Então, o que a gente quer é que esse daí melhore e que tudo seja resolvido, porque se isso não for resolvido a gente não vai ter como trabalhar, como criar nossos filhos. Então, isso seria na minha parte mais fundamental.

O conflito começou quando o povo Kokama começou a limpar a terra para a agricultura. Como resultado, moradores de comunidades rurais remotas que haviam se mudado recentemente para perto de São Pedro do Norte começaram a usar táticas de intimidação contra eles a partir de 2006 e continuaram nos últimos 16 anos.

Quando no ano de 2020, em um dia qualquer, uma família kokama foi instruída a entrar no terreno para abrir uma nova picada, eles se depararam com indivíduos perplexos que, enquanto brandiam armas do tipo estilingue, falavam palavras de baixa qualidade e gesticulavam para que eles deixem a área. Sobre o uso do álcool, intercultor (a) morador, menciona que: *estavam bêbados, aí eles trabalham assim, pra eles ter mais coragem, como eles dizem*. Ao ocorrido o diretor da igreja local, descreve no tocante ao episódio acontecidos:

O conflito da terra já vem começando desde ano 2006 aqui na nossa comunidade, porque o dono disse, que é seu Miguel, passou por aqui medindo nossa comunidade, cortando as vezes a planta que a gente planta e ele fala que é três mil metros de frente, o terreno dele, e aí ninguém denunciou ele, passou assim. E o ano passado já, 2020, ele agrediu um morador da nossa comunidade, um rapaz chamado Daniel, ele nasceu na nossa comunidade, ele tava indo pra roça, e o tal Miguelzinho, filho do seu

Miguel, com irmão dele o Abel, ele atirou, com a intenção de assustar ou matar, porque ele falou pra ele, que se ele encontrasse na roça dele derrubando, ele vai atirar de novo, por isso que nós denunciemos na polícia para parar esses conflitos, daí de pronto pode acontecer um crime, matar alguma pessoa da comunidade. Porque a gente brigando assim não resolve nada.

Infelizmente, ninguém foi morto em decorrência das violações que levaram aos disparos contra a família indígena Kokama. Em seguida, toda a comunidade de São Pedro do Norte se reuniu para discutir como decidiriam quais regras estabelecer em torno da mania. Assim, os caciques e lideranças da igreja, bem como o presidente da comunidade, resolveram denunciar o fato à polícia e encaminhá-los à Delegacia Civil de Atalaia do Norte:

Quando acontece esse negócio do tiro, eu fui dá denuncia lá em Atalaia, eu não quis dá denuncia, mas porque aconteceu o tiro, a Laura me informou pra mim, como aquele tempo eu era diretor da igreja, o caso era com o presidente, mais não tinha presidente da comunidade, mais a Laura não quis falar pro presidente da comunidade porque não resolvia nada, então, falou pra mim, que eu sou diretor da igreja, “tio aconteceu esse caso aqui com Daniel, o rapaz atirou nele”, entences eu falei pra ele. Eu fiz a reunião na comunidade, eu chamei o seu Erenio que era presidente da comunidade aquele tempo, ele se negou participar da nossa reunião, ele como presidente da comunidade deveria estar presente, então, ele se negou porque era tempo da pandemia, ninguém podia fazer reunião, mas em caso de acidente a gente podia fazer, acaso era grande, todo mundo colocou a máscara na cara pra poder fazer reunião, naquele momento nós desliguemos ele da nossa comunidade que é presidente da comunidade, quem que vai tomar a frente agora é o diretor da igreja, o diretor, o presidente, o tesoureiro. Daí foi dar parte lá na delegacia, aí foi chamado pelo delegado, aí parece que não aconteceu nada. Aí passei com meu primo João Kokama, ele já mandou a denúncia pro ministério público, foi chamado pra polícia federal esse ano foi mês de maio, foi chamado pra polícia federal, aí foi dar o meu depoimento se o tiro aconteceu na comunidade, eu falei que aconteceu com Daniel, tudo aconteceu. Como digo, nós queremos ajuda do senhor pra que nos ajudem, pra que não aconteça mais em nosso território e depois tirar essas picadas desses, esses rapaz dizem que eles são donos da terra e não tem que classe de documentos.

O território do tiro no traçado⁷ tem sido, alvo recorrente de conflitos entre moradores no limite de São Pedro, relatam que há muitos “donos das terras” a qual, está desmembrado.

⁷ Faz referência ao caminho utilizados entre as matas.

Figura 7 – Localização do conflito na Comunidade São Pedro do Norte em Atalaia do Norte-AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

A população indígena da comunidade kokama, diz que o lote está concernido em nome de Patrícia proprietária principal do imóvel rural. Segundo o interlecultor (a) diz que:

Mais embaixo também aconteceu lá em Nova Aldeia, tem outros conflitos também com o senhor Walter, aquele tempo que era vivo, dizendo que ele também é dono desse lugar lá debaixo, entonces, aí temos também um câmbio de palavras com ele, quando ele estava vivo, dizia que o terreno era dele e aí também proibiram fazer roça a minha mãe, o meu irmão, o meu cunhado que mora lá. Aí também tem outro problema da terra lá em Nova Aldeia, diz que ele é dono também, agora que ele morreu, agora ficou seu filho Junior, agora que o prefeito Denis, todos eles se acham que são donos desse pedacinho.

Reconhecem que nos relatos prestados, os indígenas Kokamas afirmam que a existência deste documento prova que o dono da casa aprovou o uso do espaço para o cultivo de áreas agrícolas em benefício da comunidade. A questão geral é que os coletivos políticos e comunitários não veem a situação com bons olhos; com isso, criam-

se diversas barreiras sociais em relação à presença de indígenas e peruanos em comunidades originárias do território brasileiro. Foi tornada pública a prova que suporta o loteamento do terreno no Seringal Trindade, e cópia da escritura pública de compra do terreno pelo proprietário local, para que os kokamas possam responder a eventuais reclamações de que o perímetro territorial.

Entre muitas questões mencionadas até o momento, o uso dos instrumentos da cartografia social foi possível entender e identificar as possíveis áreas de interesses, como por exemplo, conflitos, limites agricultáveis, local de pesca, escola, casas dos moradores, picadas e traçados de novas roças. Além disso, o início da oficina se deu com a chegada na comunidade de São Pedro entre os dias do mês de novembro de 2021, com conversas diretamente com cacique geral do movimento kokama, estabelecemos que iramos aplicar uma pequena oficina cartográfica objetivando pontos e espacializando as informações da comunidade, como é possível visualizar na imagem abaixo, membros da igreja, diretores, caciques, mulheres kokamas.

Figura 8 – Reunião com moradores da comunidade de Comunidade São Pedro do Norte – AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

Os mais velhos e os recém-chegados da comunidade concordaram em começar o diagrama mental em uma simples folha de papel e depois transferi-lo para um papel

em branco, a fim de destacar os problemas de maior importância. Dessa forma, a elaboração dos mapas cartográficos da população serve para evidenciar a territorialidade do povo Kokama e suas primeiras reinvenções sociais por meio do uso do croqui esboço. João Kokama, cacique geral do povo indígena Kokama da região do Alto Solimes, fala sobre a importância do mapeamento para eles:

O mapa já representa muita coisa, um registro, uma identificação, pra nós poder mostrar as autoridades que nós em que lugar nós estamos morando e qual lugar que nós pretendemos que seja demarcada. Porque temos muitas acusações já por parte dos alguns que se dizem que são lideranças em Atalaia, parte dos parentes Marubos que dizem que a gente é invasor de terra demarcada, interessados nos benefícios. E eu sempre digo, a gente não quer nenhuma folha da terra demarcada, a gente respeitamos a luta de cada um, assim como nós respeitamos, também, nós queremos os nossos direitos aonde que nós moramos para poder trabalhar em paz e em união de todos.

Diante disso, podemos compreender a fluidez das cartografias traçadas por esse povo Kokama em busca de novos rumos em resposta à rejeição da identidade e reconhecimento étnico das populações tradicionais do Vale do Javari. A habilidade de traduzir o mapa cartográfico improvisado utilizado pelas populações indígenas Kokamas desperta o olhar para os novos e antigos contextos vivenciados pela lente das relações de uso territorial.

Figura 9 – Processo de Confecção cartografia da Comunidade de São Pedro do Norte – AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

Em particular, no domínio tradicional dos territórios, onde servem de ferramenta para fortalecer seus movimentos sociais reivindicativos, o conhecimento empírico dos indígenas em áreas específicas é de extrema importância na produção de material cartográfico. As vivências do povo kokama em suas terras nativas, principalmente dos moradores da comunidade de São Pedro, são uma importante fonte de informações históricas que validam suas ações nesses locais. Isso porque as memórias de seus ancestrais servem como um símbolo de sua identidade como povo indígena kokama. Abaixo podemos ver o produto cartográfico final:

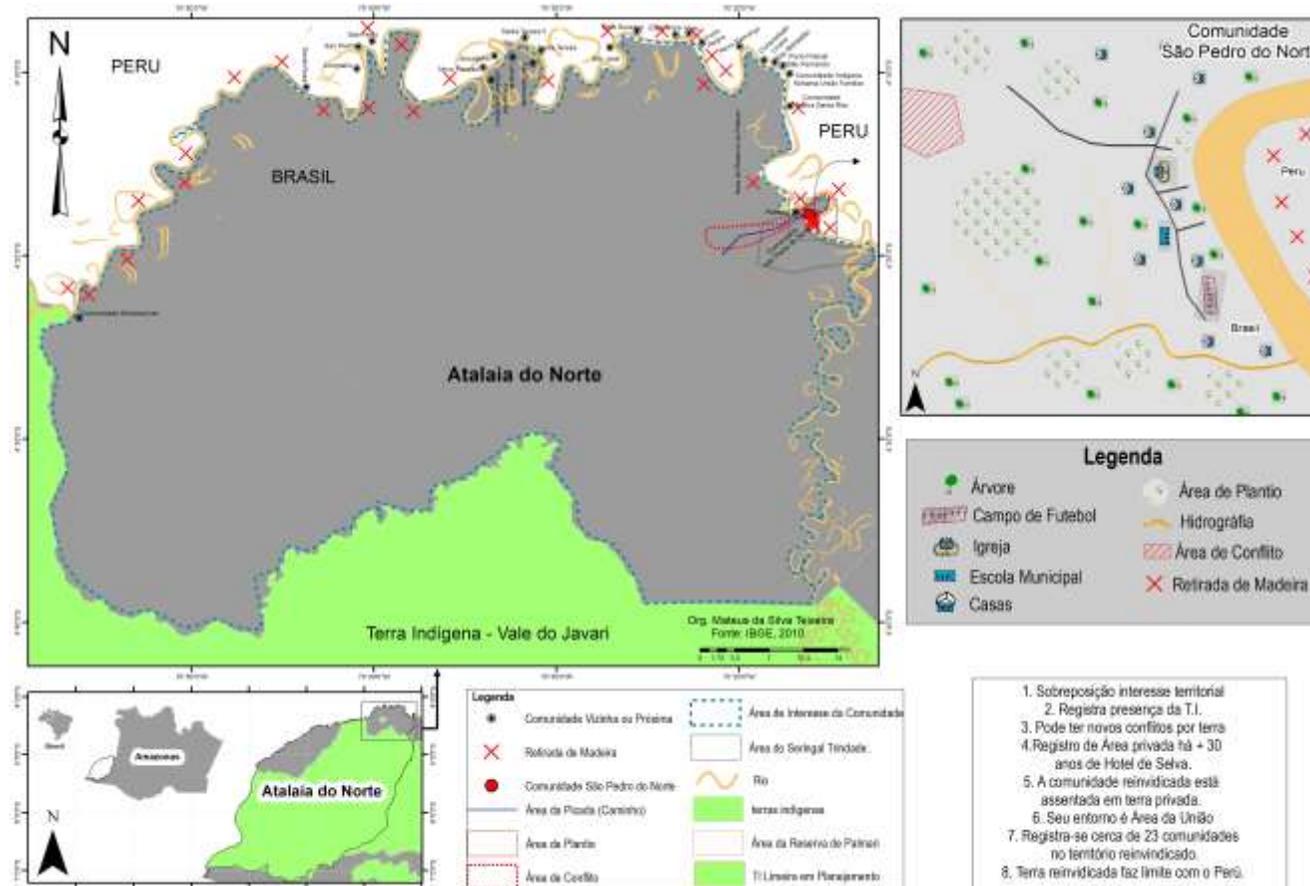
Figura 10 – Croqui elaborado na Comunidade de São Pedro do Norte – AM



Fonte: TEIXEIRA, 2021.

A representação cartográfica elaborada pelos representantes da localidade e lideranças kokama é apontada como referência na articulação entre instituições federais, municipais e estaduais para a formulação de soluções para as questões apresentadas no fluxograma acima. Os símbolos criados a partir do croqui explicitam em ilustrações sua forma tradicional de vivenciar seu espaço e os processos envolvendo os disputantes.

Figura 11 – Mapa final da Comunidade de São Pedro do Norte – AM



UNIÃO DOS POVOS INDÍGENAS KOKAMA DO RIO JAVARI - UNIÃO RITAMAKA TAPUYA KUKAMA PARANA JAVARI

Fonte: TEIXEIRA, 2021.



O croqui é incrivelmente eficaz na manifestação de movimentos sociais contra a negação do direito fundamental de proteger e representar a identidade étnica e religiosa, valorizar os saberes tradicionais e preservar seus elementos históricos em território de fronteira. Assim, a valorização do conhecimento do povo Kokama é fundamental para identificar as questões da área e reformular novas ferramentas de combate ao poder público, como podemos ver na figura 11. A utilização da cartográfico foi fundamental no processo de demonstrar às lideranças e moradores a compreensão territorial da região, incorporando suas relações e produção com o território na pesca, agricultura, criação de animais para alimentação, resolução de conflitos, entre outras formas.

Cada morador, liderança ou cacique que participou do processo de construção do diagrama atuou como protagonista do diálogo ao utilizar a linguagem descrita para explicar suas justificativas e resistências. O movimento social Kokama tornou-se uma ferramenta de valorização de seus saberes históricos e antecedentes para avançar na possibilidade de reconhecimento racial e cultural de uma população que passou por extensa territorialização em busca de novas identidades em determinadas regiões.

Essa representação gráfica elaborada pelo povo Kokama da comunidade São Pedro é apontada como referência na articulação entre instituições federais, municipais e estaduais para a formulação dos problemas mencionados no tópico. Concluímos que, a partir do movimento de resistência dos Kokamas, vimos como essas lutas se tornaram um meio de valorização de seus saberes e reconhecimento étnico, bem como uma forma de eles se deslocarem para novas áreas e forjarem novas identidades que fortalecerão sua capacidade de produzir em terras aráveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo foi desenvolvido a partir de uma solicitação das lideranças comunitárias de São Pedro do Norte aos centros de pesquisa localizados no município de Tabatinga para o levantamento de dados sobre os conflitos que ali ocorrem

atualmente. Dessa forma, buscamos conhecimentos teóricos e temáticos sobre os movimentos sociais em Atalaia do Norte, bem como dados institucionais oficiais sobre a localização geográfica da região.

Através do uso de métodos e técnicas mistas, foi possível obter uma melhor compreensão dos aspectos dos problemas enfrentados pelo povo Kokab em sua luta pelo reconhecimento da identidade. A cartografia criada com os kokamas foram cruciais para entender o estado real da população e suas principais defesas contra a identidade reconhecível. Concluímos que o tamanho do município estudado demanda muita atenção, e entendemos que a proposta do estudo veio ao encontro de muitas preocupações com a falta de informações disponíveis sobre esse território.

REFERÊNCIAS

Almeida, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto**: terras tradicionalmente ocupadas. 2.^a ed. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008.

Almeida, Alfredo Wagner Berno de. Rubim, Altaci Corrêa. **Kokama**: a reconquista da língua e as novas fronteiras políticas, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br> Acesso: 10.04.2022 às 07 horas da manhã.

Hasbaerth, Rogerio. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 2.^a ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2.ed. Reimpr. Rio Janeiro: E.P.U., 2014.

Silva, Katielle Susane do Nascimento. Contribuição teórica da geografia à compreensão dos movimentos sociais urbanos. **Revista Movimentos sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife: UPE/MSEU, v. 01, n. 1, 2012.

Vieira, José Maria Trajano. Re-existência Kokama na defesa da cultura e da natureza na Amazônia. **Anais...** 45^º Encontro Anual da Anpocs/ 2021. Disponível em: <https://anpocs.com>. Acesso: 10.04.2022 às 07 horas da manhã.

Mateus da Silva Teixeira - Mestre em Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia – UFAM. Pesquisador do Núcleo de Cartografia Social da Amazônia e Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia. Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Amazonas UEA.

Reginaldo Conceição da Silva - Doutor em Geografia no Programa de Pós Graduação em Geografia – UNIR. Pesquisador do Núcleo de Cartografia Social da Amazônia e Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia.

Ana Carolina da Silva Teixeira - Mestra em Letras no Programa de Pós Graduação em Letras – UFAM. Pesquisadora do Núcleo de Cartografia Social da Amazônia. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Amazonas UFAM.

Hillary Tenazor Rodrigues Nobre - Graduada em Letras – Universidade Estadual do Amazonas – UEA. Especialista em Linguística Aplicada na Educação – Faculdade Prominas.

Recebido para publicação em 24 de abril de 2023.

Aceito para publicação em 16 de Agosto de 2023.

Publicado em 27 de maio de 2024.